

CONHECIMENTO & CIDADANIA

JANEIRO DE 2022 • 3ª EDIÇÃO

A Grande Torre de Marfim

Caderno ABRAJUC

DIREITO NAS
ESCOLAS

ARTIGOS

VARIEDADES

NOTÍCIAS



Revista Conhecimento & Cidadania

Editorial

Leandro Costa – Editor-Chefe
Munique Costa – Editora Adjunta
Pedro Costa – Editor Auxiliar

Produção e Designer

Leandro Costa
Munique Costa
Pedro Costa
Edson Araujo

Redação

Leandro Costa
Munique Costa
Pedro Costa

Colunistas

Edson Araujo
Ruben Rodriguez
Mauricio Motta
Maria Cecília Carnáuba
Leandro Costa

Charges

Patrício Eduardo Dias

O conteúdo do **Caderno ABRAJUC** é de propriedade intelectual e responsabilidade exclusiva da Associação Brasileira de Juristas Conservadores, a Revista Conhecimento & Cidadania, acreditando na relevância ímpar do trabalho e valores da instituição, não faz quaisquer alterações ou deliberações acerca do conteúdo.

O conteúdo do **Caderno Direito nas Escolas** é independente e não tem correlação direta com a linha editorial da Revista Conhecimento & Cidadania.

Todas as entrevistas são previamente consentidas e guardam fidelidade com as declarações dos entrevistados.

O conteúdo desta edição foi produzido por **voluntários** que autorizaram a publicação de seus trabalhos, **não sendo remunerados**, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

A capa é uma adaptação de imagem disponível no site da [Gazeta do Povo](#)

Revista Conhecimento & Cidadania

Dezembro de 2021 – 2ª edição

Rio de Janeiro – RJ

Curso Menezes Costa – CNPJ 28.814.886/0001-26

A Grande Torre de Marfim

Por Leandro Costa



Antes de tudo, é preciso falar sobre um país autoritário de grandes dimensões situado no outro lado do mundo, cuja costa leste é banhada pelo oceano pacífico. Claro que o leitor pensou na China, ledão engano, posto que, tais características também se aplicam a Austrália.

A terra dos cangurus parece ter sido tomada por uma espécie de pânico que beira à demência, além de confinar os recém-chegados, adota postura extremista, como a que se traduz no diálogo entre uma cativa e um agente do governo em um dos campos de [isolamento](#), *“A mulher afirma que as regras não fazem sentido e o funcionário responde que elas não precisam fazer sentido, já que todos os locais precisam ter regras e aquelas são as de lá”*.

Em ralação ao tenista número um do rank, [Novak Djokovic](#), o governo local não se limitou ao autoritarismo, mas, com requintes de perversidade, demonstrou-se menos confiável que criminosos. Autorizando a participação do referido atleta em um torneio mesmo ante a recusa de vacinar-se para, depois do desembarque, o sequestrar com o fim de constranger-lhe à submeter-se ao experimento.

Na verdade, o atleta foi feito refém com o fim doentio de que dobrasse ao desejo dos senhores daquele país e uma horda de pessoas movidas pelo pânico e pelo sentimento de aceitação. Por sorte, o atleta manteve-se firme e a Justiça daquele país parece não ter sucumbido totalmente à loucura.

Mais presos que o tenista sérvio estão aqueles que aplaudiram a postura totalitária do governo australiano ou lamentaram a decisão de um magistrado lúcido daquele país. Estão aprisionados em uma cela que não pode ser aberta tão facilmente.

Trata-se de uma prisão muito mais cruel que qualquer construção, pois, captura a consciência não o corpo, mantém o indivíduo acorrentado em seus pares, juntando-o e colando-o como se fosse um tijolo em um muro. Sim, como naquela música na qual uma banda de rock inglesa questiona a lavagem cerebral de alunos, embora tal grupo contava com um membro que é a tradução da hipocrisia, o mesmo teve seu pai morto na Segunda Grande Guerra por um regime totalitário e atualmente faz coro, ou vista grossa, para quem governa o povo através da força e da desinformação. Mas isso é uma longa história.

Voltando aos aprisionados que dispensam grilhões, na verdade possuem os mesmos em suas mentes, há quem defenda qualquer tirania por pavor ou por aceitação, tudo de forma inconsciente, entretanto, se libertar de tal prisão torna-se uma tarefa hercúlia, haja vista, a natural tendência do indivíduo em negar sua cegueira ou temer o ostracismo.

A relativização da verdade é a isca fatal que leva a consciência individual para as masmorras, deixando se levar em rebanhos, pois é mais confortável caminhar no escuro acompanhado, ainda que todos estejam rumando para o Labirinto de Creta.

Negar que há uma só verdade, ainda que, possam existir diversas formas de interpretá-la, é assumir que a realidade pode ser modelada conforme a vontade de uma autoridade, de uma elite intelectual, permitido crer que a grama é azul mesmo que veja-a como verde, assumindo que o sol seja fonte de frio, em que pese possa sentir o calor. Contradizer o óbvio ou simplesmente assumir que a verdade deve se curvar para que o indivíduo não seja uma peça destoante de um sistema e, por isso, extirpada do todo. A chamada sensação de pertencimento.

Deveria ser algo óbvio que a verdade é uma só, independente de quantas visões se tenha dela, todavia, é importante constatar que não há um senhor da verdade. Tais afirmações podem parecer, mas não são paradoxais, simplesmente pelo fato da primeira não afastar a segunda.

Que a verdade é uma, não há como rechaçar, toda verdade é sim absoluta, entretanto, afirmar que não existe o chamado dono da verdade tem como sustentação dois pontos. Em primeiro lugar, não há como ser dono da verdade se ela não se dobra à vontade de quem quer que seja, não sendo modelada pelo querer do indivíduo, logo, se alguém nasce mulher, mulher é. Por mais que isso lhe contrarie, é um fato e não pode ser retocado ou alterado.

Em um segundo momento, dando outra interpretação, não se pode concordar que um ponto de vista seja a verdade, portanto, não há como alguém possa excluir de pronto uma visão diversa da sua, assumindo que sua janela para o mundo é o único ângulo que pode-se considerar o correto.

Conclui-se que a verdade não atende aos anseios humanos e não se pode calar forçosamente as vozes dissonantes sob pena de fechar-se a janela que tem a visão pelo ângulo certo. Considerar que um grupo detém a capacidade divina de apontar a verdade é assumir que este grupo tem o poder de criar ou alterar fatos conforme sua visão, ainda que artificial, sendo os criadores da chamada pós-verdade.

O poder de alienar através da informação concedeu a uma elite de intelectuais a possibilidade de enganar os desavisados acerca dos fatos, fazendo com que, cada vez mais pessoas, assumissem como irrefutáveis fontes extremamente questionáveis, entretanto, a descentralização dos meios de comunicação fez com que a Torre de Marfim ficasse cada vez mais exposta, haja vista sua incapacidade de controlar as vozes dissonantes.

Os poucos que foram capazes de enxergar além das cortinas da alienação, se tornando libertos dos tentáculos, eram incapazes de despertar seus pares diante do poder dos meios usados para alienar, contudo, a já mencionada descentralização da comunicação, maior benção dos dias atuais, ainda que tenha nascido com intenções de maximizar a escravidão, teve seu rumo voltada para o bem, servindo aos que estavam de olhos abertos como canal para propagar a liberdade ainda que tardia.

Quanto à Torre de Marfim, esta se viu exposta e vulnerável, logo, passou a contra-atacar, lançando mão de toda sua vassalagem, de forma homeopática, mas cada vez mais agressiva.

Antes de expor suas faces é importante buscar o conceito de Torre de Marfim, mas pode-se adiantar, tal conceito será uma base para algo maior. Assinala o Professor Fernando Nogueira da Costa que “*A expressão Torre de Marfim designa um mundo acadêmico à parte, onde intelectuais se envolvem em questionamentos desvinculados das preocupações práticas do dia-a-dia. Nele, há uma desvinculação pessoal deliberada do mundo cotidiano*”.

A simples leitura deixa evidente uma deficiência por parte dos intelectuais que se isolam do mundo real, mas seria menos grave se tal definição fosse o conceito que buscamos atingir. Teríamos apenas algo abstrato em que alguns grupos de intelectuais saem da órbita da realidade, sendo, na pior das hipóteses um fardo para as pessoas comuns, em tese, seriam sustentados por alguma fonte dispostas a, literalmente, verter seus recursos em um sumidouro. Parece que somente o Estado seria um ser capaz de expropriar da cadeia produtiva para fazê-lo, ainda que fosse flagrante desperdício.

Prover o sustento de intelectuais isolados em tal torre não parece uma boa ideia, mesmo para o Estado que dispõe de recursos alheios, parece estranho que alguém queira manter um aparato improdutivo e, normalmente, de custo elevado. Mas não é bem assim que as coisas parecem funcionar.

Se o isolamento dos intelectuais fosse algo pontual, ou mesmo, ocorresse com frequência mas em torres isoladas, o problema resumir-se-ia em uma decadência, mas não teria a capacidade de causar um mal maior.

Imaginemos uma espécie de matriz, uma Grande Torre de Marfim, uma bolha intelectual que está tão distante das pessoas comuns que é capaz de desfrutar de tamanho poder que lhe permite impor sua utopia, mesmo que fadada ao fracasso por não ser real, sendo certo que suas pontas não se juntam, tem o potencial para controlar e aprisionar as pessoas em sua teia de mentiras. Eis a verdadeira Torre de Marfim.

A colossal estrutura alva se isola de tudo e ao mesmo tempo cerca-se de suas filiais igualmente brancas, espiando a tragédia que impõem aos que não são iluminados para adentrar pelas adornadas portas e paredes de presas de paquiderme. Tais seres tornam-se cada vez mais distantes da humanidade, pois se consideram especiais, creem que são capazes de experimentar tudo de suas varandas e não entendem que, não importam o que digam, a verdade ainda se fará presente.

Sob os auspícios da Grande Torre, os que garbosamente ocupam as suas filiais se consideram livres e iluminados, pois acreditam fazer parte da condução do processo, mas ignoram que em sua natureza de satélite estão presos em suas torres servindo seus senhores.

Cabe questionar os métodos que a Grande Torre usa para controlar as demais pessoas, uma vez que, as torres menores parecem estar intrinsecamente ligadas, sendo as maiores mais próximas da torre mãe. Existem diversas formas e não podem ser todas catalogadas, até porque, novas modalidades seriam criadas no caso do fracasso de um.

Mas no que diz respeito à metodologia, é evidente o fato de apoiarem-se em três pilares, quais sejam, o medo, o favorecimento e a desinformação, que podem ser adotados de forma individual ou em concurso. O medo pode advir de uma falsa percepção da realidade propositalmente implantada, o favorecimento poderá ser resultado de uma falsa promessa, bem como o medo pode ter como principal fator a perda do favor ora experimentado, ainda que decorra de uma mentira.

Para controlar alguém pelo medo basta que o agente controlador se coloque, segundo a ótica daquele que pretende dominar, como um protetor, um garantidor. É o que, via de regra, o Estado usa para tomar a liberdade dos indivíduos, basta observar como nos países tomados pela violência é usual que

somente o Estado e as organizações criminosas tenham armas a sua disposição, deixando o cidadão, indefeso, totalmente dependente do poder público.

Por outro lado, temos o favorecimento, a hipótese em que o indivíduo acredita ter uma posição de vantagem que não é resultado de seu esforço, na grande maioria das vezes ele tem razão, logo, seu senhor lhe concede vantagens em troca de sua liberdade, muito comum nos sectores de intelectuais ou grupos de minorias, nos quais, renegar as pautas custar-lhe-á o ostracismo e a perda de benesses.

Grande parte das autoridades temem perder o favor que lhes é conferido pelo Estado e pela sociedade como um todo, usufruindo de seu status de poder e servindo aos fins mais sórdidos, mesmo tendo consciência de sua existência abissal, prefere gozar de uma vida de luxos a se opor à besta, sabe que está vivendo em uma zona de conforto ainda que na sombra do monstro, mas teme perder suas benesses, ou pior, tornar alvo da fúria da criatura nefasta que serve.

A desinformação talvez seja o método mais eficiente, podendo ter resultados autônomos ou o poder de gerar medo e favorecimento, a capacidade de incutir o pânico nas pessoas pode ser tanta que elas estarão sujeitas a renunciar de suas liberdades, até mesmo a lógica é deixada de lado em momentos de desespero.

Como fazer com que tais métodos cheguem a todos?

A melhor forma é a desinformação, que assim como os demais métodos, só é eficaz quando não há oposição real.

Se alguém é incapaz de insuflar o medo do coração dos outros, não há como usá-lo ao seu favor, imagine um indivíduo portando uma faca tentando impor sua vontade aos demais membros de uma comunidade através do medo, porém, seus pares possuem armas de fogo. Sua intimidação será algo ineficaz, logo, ele precisa fazer com que os indivíduos se desarmem, como impor é impossível e pedir pode não fazer efeito, a opção seria afirmar que tais equipamentos representam um perigo tão grande que o ideal seria que todos dispusessem do armamento em nome de uma segurança coletiva.

Se isso não funcionar, pode invocar dados falsos de uma comunidade distante ou dados verdadeiros interpretados para servirem seus objetivos, bem como, pedindo àqueles que acreditam lhe dever favores que venham a aderir o desarmamento. Aos que se recusarem a entregar suas armas, restará rotulá-los como violentos, para justificar uma boa campanha de ostracismo resultará em mais adesões. Coincidentemente é o que estão fazendo com aqueles que questionam as “vacinas experimentais”.

O favorecimento também tem seu calcanhar de Aquiles, se o alvo da intenta acreditar que não tem nenhuma dependência em relação àquele que pretende o dominar, não se curvará ao mesmo, daí surge a desinformação para alegar que tal dependência existe. Nos casos de assistencialismo é comum um

governante alegar que sua queda do poder importará na perda de determinado benefício, bem como, alegar que a ascensão de outrem ao poder resultará em demissões, algo muito comum nas estatais.

A fraqueza da desinformação é justamente ser exposta e desmentida, o que pode ser feito se aquele que se opõe tiver um canal para se comunicar, agora fica claro a necessidade que a Grande Torre tem no que tange à censura de seus opositores.

O controle dos meios de comunicação é essencial para manter cativar, no pior dos sentidos da palavra, a consciência do indivíduo, mas a mentira não pode se sustentar quando há uma oposição, por isso, vale de tudo para calar quem tenta expor as vicissitudes da Torre de Marfim, não se pode permitir que o templo dos intelectuais alienados perca suas fundações e, por isso, justificar-se-á quaisquer ataques aos que despertaram, para que não tragam luz aos adormecidos.

O papel da mídia e dos artistas cooptados pelos tentáculos da Grande Torre cumprem a missão do Flautista de Hamelin sequestrando as mentes através de sua sedutora, e cada vez mais vulgar, arte, atraindo para a escravidão. Ao representar personagens carismáticos, as figuras dos famosos passam a fazer parte das vidas das pessoas que associam tais personagens ao seu intérprete, logo, nasce um gatilho para que aquela pessoa possa comunicar-se com um certo grau de identificação que não é natural, sendo o reflexo da relação entre a obra ficcional e o receptor dela

É comum que as pessoas deem maior atenção aos que conhecem e tendem a depositar no artista a impressão que tiveram da personagem a qual ele “deu vida”. Não por acaso a publicidade recorre ao artifício para alavancar vendas, mesmo que, em uma lógica normal, seria mais indicado um dentista promovendo um determinado enxaguante bucal, é comum que artistas o façam e angariem maior atenção do público.

A Torre percebendo tamanha fragilidade, precisa aprisionar os artistas para usar de seus talentos, mesmo que sejam mais uma mentira, pois, utilizará o “canto da sereia” como forma de convencer os menos informados tendo ainda maior alcance na mensagem que pretende disseminar. A simpatia que o receptor tem pela personagem transmite-se ao seu intérprete, dando credibilidade, ao menos na mente do indivíduo, à mensagem que se pretende passar.

O poder seduz e corrompe, daí a supervalorização de determinadas figuras, que, nos mesmos moldes das autoridades, ficam enebriados com a suntuosa vida que aproveitam, de forma que, deixaram de importar-se com as ditas pessoas comuns se isso significar a manutenção do status quo.

Comove-se toda uma rede de indivíduos influentes para que transmitam a mensagens originada na Grande Torre, fazendo que cada um torne-se uma espécie de repetidora, difundindo aquilo que a besta

maior pretende. Assim, uma pequena elite é capaz de manobrar uma imensa massa de pessoas, inserindo suas teorias dissociadas da realidade no seio da sociedade de forma pulverizada e gradual.

Os termos cunhados pela elite acabam por se espalhar pelo imaginário do cidadão que, mesmo sendo avesso à ideia espinhal, acaba por assimilar de forma superficial e, portanto, acatando a essência daquilo que pretende-se implantar. Tal qual uma pequena semente ingerida com o fruto, mas que tem a capacidade de germinar no interior do organismo.

Aliciar os meios artísticos tornou-se um meio muito eficaz de propaganda, a Alemanha Nazista conseguiu acentuar muito tal método, mas isso também pode falhar, posto que, a informação descentralizada escancara o abismo que existe entre personagem e intérprete, expondo ao público de uma forma geral que determinadas figuras públicas não guardam quaisquer semelhanças com aquilo que transmitem.

Falar contra o sistema, por outro lado, resulta no ostracismo daquele que se insurge, adotando-se medidas que possam causar prejuízos reais. Qualquer um que não sejam uma repetidora tornam-se imediatamente alvo do que vulgarmente chamam de cancelamento, mais um termo cunhado para determinar um comportamento, que na verdade é algo orquestrado, envolvendo artificies da Grande Torre.

O recente caso envolvendo outro atleta, [Maurício Souza](#), que após se manifestar contrário a uma pauta progressista foi demitido de clube em que jogava por pressão de duas grandes empresas, a Gerdau e a Fiat. Estes tentáculos da besta, de forma asquerosa, cumpriram seus papéis, não só causando prejuízo ao atleta, mas dando um claro recado a qualquer um que pense em se opor as pautas que defendem.

Não apenas as duas empresas citadas fazem parte do jogo, são sim desprezíveis, mas não agem sozinhas, pois, a Grande Torre sabe que suas mentiras não são capaz de sustentá-la, logo, utiliza uma grande rede de apoiadores, que, de forma voluntária ou pressionadas pelos métodos já mencionados, não exitarão me fazer parte da empreitada pútrida.

O caso Maurício Souza e Novak Djokovic, por sua vez, apontam outra fragilidade do sistema, ambos tem sua estabilidade garantida pelo status que alcançaram, o atleta brasileiro por mais de uma vez foi considerado o melhor em sua função entre seus compatriotas e o sérvio é atualmente considerado o melhor do mundo. Podem sim ser alvo de perseguições e ostracismo, mas sabem que não chegaram onde estão se fiando em um castelo de cartas fajuto que pode ser facilmente derrubado, os atletas estão conscientes que fizeram por merecer seu status e, por isso, nada devem ao sistema que tenta-lhes controlar.

Outros nomes influentes, cujo sucesso não está ligado ao esforço ou talento, mas ao apadrinhamento, sabem que qualquer indivíduo medíocre pode ser alçado a sua condição por uma rede,

podendo ser facilmente retirado de seu posto e substituído, já que, não chegou ao seu status por mérito mas por favorecimento, sabe que, ao contrariar aquele que o domina, tornar-se-á um brinquedo inútil e irá para a lata do lixo, sendo substituído por alguém que aceite servir a besta em troca de uma vida de luxo e glamour. Observe quantos são os influenciadores que nada tem a oferecer mas que são abraçados pela mídia, quantos deles poderiam ser substituídos sem nenhum problema por voluntários em um show de talentos, é muito fácil constatar as figuras falsas, por isso mais controladas, que foram inseridas nos meios de influenciar e como elas são incapazes de se insurgir contra quem realmente os comanda, bem como, são suscetíveis às pressões de seus pares e externas.

Os atletas citados, tanto o sérvio quanto o brasileiro, se não tivessem taletos para conquistar seus títulos seriam devedores em relação àqueles que os teriam criados, não podendo lutar contra suas pautas. Por outro lado, as embalagens vazias, que nada tem a oferecer, dependem da aceitação do dominante para que permaneçam em seu lugar, não podendo enfrentar o sistema.

Embalagens vazias estão sendo cada vez mais utilizadas para propagar conteúdo, humoristas que não fazem rir, cantores que tem como única utilidade promover uma pauta, influenciadores que nada tem a dizer e outros tantos. A alternativa é sem dúvida uma jogada de mestre, pois, como qualquer embalagem vazia é facilmente substituída, não tem conteúdo, torna-se refém da vontade de seus mestres.

A descentralização das informações fez com que parte dos indivíduos percebessem a enorme distância entre o influenciador e quem são na vida real, muitos puderam ver como as embalagens vazias chegam a fama sem quaisquer dons especiais, apenas por se sujeitarem ao papel de torre repetidoras. Isso fez com que muitos, ainda que enaltecidos pelo mainstream, que nada mais é que a teia da Torre de Marfim, perdessem a capacidade de “encantar a plateia”, algumas pessoas viram o perigo do canto da sereia e acordaram e, para o temor dos nobres encastelados, decidiram agir e despertar seus pares.

Uma avalanche de pessoas foram as redes “livres” para anunciar suas crenças e sua visão de mundo independente daquilo que a maioria professava como verdade, sabiam que havia muitas mentiras sendo tratadas como verdade. Para muitos isso desfaria os nós da teia e libertar a todos.

Não tão rápido, a Grande Torre busca sempre uma alternativa para manter acesa a chama do mal, por isso, sempre buscarão linhas auxiliares. A primeira linha auxiliar geralmente usada são as redações de jornais, mas assim como as embalagens vazias do entretenimento, os redatores da grande mídia caíram em descrédito por mentirem acintosamente, especialmente quanto à sua parcialidade.

Surtem assim os especialistas, profissionais que estão dispostos a corroborar o que se pretende transmitir e ostentam uma diplomação que faz com que o cidadão, leigo no assunto, se curve a autoridade do mesmo. Juristas que admitem a criação de norma penal por força de decisão judicial podem ser um

simples exemplo, em outros tantos seguimentos isso ocorrerá. Podendo ser pela convicção dito especialista casar-se com a do veículo ou por prostituir sua profissão em troca de notoriedade, aceitação ou algo ainda pior.

Os meios de comunicação conclamam especialistas com visões consonantes de sua linha editorial, o que não seria absurdo se assumissem de forma explícita seu posicionamento, mas preferem fingir imparcialidade, justamente para evitar que seu alvo procure outra fonte de informação. Precisam se legitimar como os únicos que podem transmitir a verdade, apontam para outras fontes como sendo viciadas por sua ótica, mas evidentemente deixam claro sua parcialidade.

Caindo em descrédito ainda com a ajuda dos especialistas, que são forjados nas universidades, ou seja, pelos intelectuais deslocados da realidade que são justamente a base da Torre de Marfim, a grande mídia se vê como um meio que segue na direção do descarte, o que se agrava quando surgem influenciadores nas redes descentralizadas igualmente vazios e dispostos a jurar servidão aos mestres que outrora alimentavam a grande mídia com luxo.

Jornalistas e artistas desmoralizados olham para os jardins da Torre de Marfim, onde habitam, e contemplam um futuro em que serão despejados e darão lugar a falsos jovens com cabelos coloridos e artistas com dentes de metal, hoje muito mais eficientes em capturar a mente das novas gerações que não conseguem ler mais de um parágrafo. Os decadentes poderiam se orgulhar, afinal o estrago que se propunham a fazer está feito, levaram grande parte dos indivíduos para um pântano que não conseguem compreender, entretanto, como peças obsoletas sabem que serão atirados no lixo e engolidos pela lama do pântano.

Algo digno de pena, não se consideramos o mal que ajudaram a alimentar, mas por serem seres humanos, afinal, não podemos nos igualar àqueles que temos como exemplos negativos, sendo muito melhor deixar o ódio de lado, mesmo que acusados de discurso de ódio.

Nascem então as agências de checagem, tentando dar sobrevida as pautas distópicas da Torre de Marfim, pois, os que vivem na torre ou ocupam seus jardins não deixarão suas benesses de lado, ainda que por um bem maior. Estão enraizados no luxo e viciados no poder, venderam suas almas, a grande maioria nem acredita ter uma, para usufruir do conforto, sabendo ou não estão pagando a estadia.

As agências de checagem, que são essencialmente a mentira, vendem a ilusão que podem ser instrumento útil no combate a desinformação, quando na verdade atuam unilateralmente para calar qualquer voz que possa se levantar contra o sistema. Não rotularam como falsa uma postagem em que determinado [instituto](#) afirmava que pessoas estavam mentindo, mesmo depois de comprovado que as pessoas falavam a verdade. A expressão *fake news* fora usada para desacreditar quem falava a verdade,

mas isso tornou-se algo comum e tais agências, fazendo seu papel nos planos da Torre de Marfim, perseguem vozes dissonantes rotulando-as de disseminadoras de desinformação.

Não demorou muito para as tais agências de checagem caíssem em descrédito, nota-se que são patrocinadas pelas grandes redes de comunicações, por isso afirmado no início que a descentralização não ocorreu para dar liberdade, mas para exercer mais controle, porém o tiro saía pela culatra. Surgiram grupos ainda mais radicais, que pediam boicotes ideológicos valendo-se do anonimato, como o grupo marginal que se apresenta como Sleeping Giant, marginal sim, pois a maior lei de nossa pátria veda o anonimato como forma de se olvidar de responsabilidades.

Curiosamente, algumas das agências de checagem são diretamente ligadas aos grandes veículos de comunicação e outras contam com patrocínio das grandes plataformas, todas parecem fechar os olhos para descaradas mentiras, desde que, sejam ressonância daquelas emanadas pela Torre de Marfim. Talvez por isso estejam tão desacreditadas.

Desmoralizada a Torre de Marfim se viu obrigada a usar a força, as plataformas deram fê às agências de checagem e passaram a remover ou alertar para postagens que tais agências indicavam ser dignas de perseguição, o que, diverso do pretendido, gerou a desmoralização das grandes plataformas de rede, pois a ação censora arrastou para o brejo as mesmas. Não há motivos para se enganar, as grandes plataformas queriam isso, apenas não acreditavam nas consequências, por isso avançam cada vez mais.

Como alternativa cada vez surgem mais redes livres, que não querem impor pautas aos seus usuários e outras tantas que tem a visão contrária e pretendem sim promover a queda das torres de marfim por saber que são belas prisões e, quem sabe, conseguir destruir a Grande Torre.

Após o fracasso das tais agências, que atuaram de braços dados com as “bigtech”, o sistema utilizou ainda mais força, ainda restavam os feudos e o aparelhamento estatal.

Os feudos, são grupos ordenados que utilizam o sentimento de pertencimento como forma de cativar as consciências e da violência física ou moral contra quem se opõe as suas praticas. Tais grupos se apoiam em uma bengala para agir sem quaisquer freios morais e por vezes legais, São os ativistas que definem-se como representantes das chamadas “minorias”, em que pese, não sejam escolhidos pelas pessoas que dizem representar.

Quando as pautas se chocam, simplesmente pelo fato de mentiras não se encaixarem, temos os maiores problemas da Torre de Marfim, não há como um marxista ferrenho admitir que o socialismo é nocivo, ou ativistas LGBT assumirem a farsa da ideologia de gênero, algo que não tem nenhuma base científica e se sustenta unicamente no querer, ou seja, no sentimento de pertencimento, mas tais narrativas

tendem a [colidir](#), não havendo uma solução para isso, utilizam-se de mais mentiras, gerando o efeito bola de neve.

Os grupos que alegam representar minorias são apenas feudos, sendo seus senhores feudais vassallos daqueles que ocupam as torres, portanto, não podem desafiar o grande e entrelaçado sistema. Os “rebeldes”, resumem-se a nada mais que revolucionários que servem uma besta maior argumentando justamente que lutam por liberdade, os chamados idiotas úteis, por estarem ao serviço de um senhor que não admite ser questionado, idolatrando líderes vazios, pois estão como senhores feudais alimentando-se de seus esforços e prestando tributos aos nobres de mais elevada estirpe que os observam das janelas das torres.

Conforme as torres se veem cercadas, por mais que se considerem intocadas, e contemplam pessoas sendo libertas de seus feudos, por espiarem que são prisões, precisam reagir ou também serão inúteis aos intentos da Grande Torre, está muito mais vigorosa e estável. Invoca-se o [poder coercitivo](#) do Estado, tentando criar lei que possam dar poder legítimo às agências de checagem, ou pior, reconhecendo sua autoridade através do ativismo judicial.

Sim, parece e é doentio, mas a Justiça Eleitoral está materializando o [Ministério da Verdade](#), aquele da obra cada dia menos ficcional, [1984 de George Orwell](#), contando com agências logadas diretamente a empresas Globo, Estadão e Folha de São Paulo. Sei que parece uma brincadeira de péssimo gosto, mas infelizmente é a trágica verdade.

De tal forma, a grande mídia e os seres avulsos com cabelos coloridos poderão livremente propagar sua versão dos fatos, negando abertamente quem se contrapõe e taxando-os como mentirosos, mas, se ainda assim preferirem a versão do outro lado, invocar-se-á os togados, nada mais que uma guarda pretoriana da Grande Torre para condenar aqueles que pensam diferente em nome de uma falsa liberdade e democracia.

As torres de marfim auxiliares parecem servir prontamente a Grande Torre de Marfim, mas sempre haverá esperança, há uma tese bem fundamentada de que na verdade a Grande Torres se divide em [três pilares](#) que buscam controlar a besta maior, ou ainda melhor explicando, seriam três grandes torres que, em um momento, tentarão se lançar ao posto de a Grande Torre, subjugando as demais ou podendo se destruir no processo. Restando ainda a possibilidade de suas próprias mentiras derrubarem-na, pois assim como outra torre, não há como desafiar a verdade, não há como se opor a Deus, no final de tudo, o destino das Torres de Marfim, sejam elas quantas forem, será o mesmo da Torre de Babel, pois a [soberba precede a ruína](#).

A desinformação é a arma mãe da Torre de Marfim, mas como está alheia a realidade, não consegue juntar os pontos, mentiras não se encaixam, para criar a trama perfeita, de maneira que sempre haverá pontos fracos. Do alto de suas torres, os senhores não conseguem contemplar o todo, cegos pela arrogância ou apenas míopes pelo conforto de sua posição, tentarão colocar escoras para que sua torre não se siga o mesmo destino daquela erguida na Babilônia.

Os que ocupam os mais elevados postos nas torres são os que mais sofrerão com a queda e, por isso, lutarão com unhas e dentes para manter o *status quo* que os alimenta e, por vezes, bajula. Cair do alto da torre e ter de caminhar entre aqueles que consideram insignificantes é, sem dúvidas, uma derrota considerável, contudo, mais aterrador é perder a proteção das paredes brancas e se sujeitar ao julgo daqueles que fez de ratos de laboratório em suas experiências sociais. Um ótimo exemplo é o socialismo, que, deslocado da realidade, sempre trará destruição, entretanto, todo líder se tentará se furtar de responder pelos males que causara.

Façamos a nossa parte para despertar aqueles a todos, especialmente aqueles que nos são mais caros, mantendo a esperança que temos meios para vencer a Grande Torre de Marfim que é uma prisão, não um palácio.

“Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que não vos deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar”.

Coríntios, 1, 10:13



O Laboratório do Impossível

Por Leandro Costa

JORNAL DA USP HOME CIÊNCIAS ▾ CULTURA ▾ ATUALIDADES ▾ UNIVERSIDADE ▾ INSTITUCIONAL

Início > Institucional > Um laboratório para estudar e desvendar o impossível

Um laboratório para estudar e desvendar o impossível

O espaço Laboratório do Impossível será dedicado ao desenvolvimento do pensamento crítico e à discussão sobre a relação entre ciência e crença

Institucional - <https://jornal.usp.br/?p=482562>
 Publicado: 06/01/2022 Atualizado: 14/01/2022 as 10:33

Por [Erika Yamamoto](#)

FACEBOOK



Localizado no Favo 5 das Colmeias, na Cidade Universitária, o Laboratório do Impossível foi inaugurado no dia 14 de dezembro, após passar por uma reforma completa. Agora, o espaço está sendo preparado para receber o acervo – Foto Cecília Bastos/USP Imagens

Fico imaginando se alguém tivesse o poder de definir parâmetros daquilo que não tem parâmetros, poder dizer que o oculto tem uma explicação científica, como seria proveitoso se pesquisadores de alto nível pudessem abrir mão de conceitos preestabelecidos para mergulhar de cabeça em temas outrora deixados na penumbra.

Investigar o paranormal, no sentido daquilo que não parece ter uma explicação aos olhos de simples mortais, poderia ser o desafio da vida de qualquer um, cientificamente estariam na qualidade dos bandeirantes, que se embrenhavam na densa selva, ou mesmo, dos navegadores que lançaram-se ao mar desconhecido para descobrirem novas terras.

A notícia de que a Universidade de São Paulo criou o chamado Laboratório do Impossível, para “*estudo da influência de fenômenos considerados impossíveis ou sobrenaturais, sua relação com as crenças e o conhecimento científico*”, parecia ser um avanço na busca pela evolução da pesquisa, entretanto, nada acontece por acaso, parece que tal instituição pretende colocar em seus trilhos aquilo que não se consegue explicar.

Segundo o coordenador do [InterPsi](#), Wellington Zangari.

*“A ideia é que esse seja um espaço dedicado à realização de atividades de extensão que, de forma lúdica, promovam o diálogo entre a arte mágica e a ciência. Funcionará como um palco de apresentações didáticas e vivências científicas e artísticas, multissensoriais e reflexivas, motivando a curiosidade a respeito de como as coisas funcionam por trás dos efeitos observáveis, enfatizando a importância do método científico como antídoto contra a **ignorância**, as **fake news**, o **negacionismo**, e em favor do desenvolvimento do pensamento crítico*”.

No mínimo estranho que o pesquisador deixe tão evidente o viés ideológico por trás do novo laboratório, posto que, estranhamente utiliza-se de termos, usados por um espectro político-ideológico para suprimir o contraditório científico, com o fim adjetivar algo que o laboratório e sua equipe tem clara intenção de dizimar.

Fala-se em investigar fenômenos que não tem explicação e, ao mesmo tempo, deixa evidente que aquilo que lhe for contrário não será enfrentado, uma vez que, pretende afastar de forma sumaríssima as vozes dissonantes.

O mencionado Coordenador não esconde seu posicionamento ideológico, nada de novo debaixo do sol, por isso, torna-se temerária a criação de tal laboratório, em especial, por ser voltado aos alunos dos ensinos fundamental e médio. Poderia ser uma forma de “desmistificar” sua visão de mundo e afastar aquelas que fosse contrárias.

A frente do instituto que serve como pilar do Laboratório do Impossível podemos ver um coordenador com declarada visão político-ideológica e, ainda mais grave, disposto a pesquisar com indivíduos em formação, atribuindo um “pensamento crítico”, desde que, não seja este movido por “negacionismo, ignorância e fake newws”.

Em verdade, o Laboratório do Impossível mais parece um centro para afastar teses contrárias ou corroborar as pautas de um grupo através de uma ciência oculta, mais difícil de ser contestada, uma vez que, só se admitira como fonte científica paranormal aquela forjada nas universidades.

Como o coordenador considera ideologia de gênero algo científico, sem qualquer lastro, cabe perguntar se grupos por ele dirigidos não iriam se valer de critérios obscuros para justificar tal tese.

Lembrando que há um diagnóstico científico, ainda que dúbio, para a [disforia de gênero](#), mas que não se confunde com “transexualidade”. Embora não seja o tema a ser tratado.

“Não se sabe quantas pessoas têm disforia de gênero, mas estima-se que ela ocorra em cinco a 14 em cada mil bebês cujo sexo de nascimento é masculino e em dois a três em cada mil bebês cujo sexo de nascimento é feminino. Um número muito maior de pessoas se identifica como transgênero que as que de fato atendem aos critérios para disforia de gênero”.

Logo, há um flagrante risco de que progressistas se utilizem do tal Laboratório do Impossível para tentar legitimar sua pautas, ainda que eivadas de desinformação, dando-lhes um selo de autoridade acadêmico. Tudo indica que o povo paulista está prestes a sustentar o que será o centro de criação e legitimação da pós-verdade.

Antes fosse algo como apenas uma aventura fictícia em que [Peter Wenkman](#) aplica choques em um voluntário, mas parece que a experiência, agora real, pode ter um fim muito mais nocivo.

“Vivemos tempos sombrios, onde as piores pessoas perderam o medo e as melhores perderam a esperança”

Hannah Aerndt.



Colunas

Nossas colunas foram escritas por:

Edson Araujo

Palestrante, estudante de filosofia e teologia

Ruben Rodriguez

Servidor Público,
Empreendedor,
Advogado, Químico,
Professor de Inglês,
Analista Político

Mauricio Motta

Professor licenciado em História Pós-graduado em História do Brasil

Maria Cecília Carnaúba

Doutoranda em Ciências
Jurídico/Políticas pela
Faculdade de Direito da
Universidade de Lisboa

Leandro Costa

Editor-chefe, Servidor
público, Advogado
impedido, Professor,
Analista político, Diretor
de Editoração e
Publicações

O Brasil está em guerra e não te avisaram

Por Ruben Rodriguez

Calma, ninguém vai ouvir bombas explodindo tampouco tropas estrangeiras invadindo nosso território, pelo menos por enquanto.

O conceito de guerra tradicional está no ideário coletivo como uma invasão extrínseca com tanques e bombas sendo lançadas por aviões inimigos, dizimando tropas e provocando barbárie física em nossos compatriotas, entretanto, esta modalidade de guerra bélica está cada vez mais restrita a países de interesse mundial secundário, bem como países Africanos, Oriente Médio e Ásia.

O conceito de guerra vem se aprimorando com o avançar de tecnologias e, com isso, a disseminação de conteúdo através da rede de comunicação internacional. A intenção primária de uma contenda é, primordialmente, ocupar o “teatro da batalha”, fazendo com que seu oponente se renda por submissão a uma força maior. Em nossos dias, não há mais a necessidade de se deslocar tropas e material bélico para se enfrentar o opositor, é muito custoso, nada sutil, e perigosamente político tomar uma iniciativa de confronto *ad omni*.

Contudo, existe uma forma mais eficaz e muito menos custosa (em todos os sentidos) de se dominar um país sem que se dê um só tiro estilingue. O controle das informações e do comércio.

O país que ferozmente pratica esse tipo de intervenção é a famosa República Popular da China.

Há diversas formas de se dominar um país, e este ainda agradecer pela “ajuda” prestada pelo invasor. Atualmente, quem tem sob seu domínio informação praticamente orientada, ao seu bel prazer, práticas, tendências, e aceitações que se não fosse pelo acúmulo de dados não seria possível, o chamado domínio dos metadados. Com o advento das redes de comunicações mundiais, a internet, a empresa ou governo que detiver o maior número de informações sobre cada cidadão de um respectivo país, tem em mãos a capacidade de manipular seus dados e detectar o *modus operandi* dos que lá estão logados, os possuidores desses imensos bancos de dados podem antecipar movimentos de um determinado grupo ou agremiação ou partido, bem como influenciar em decisões de compra ou venda de qualquer bem através de mensagens subliminares, ou por muitas vezes ostensivas, como o que você pode ou expressar-se em uma rede social, limitando alcance e por vezes, banindo o cidadão do “convívio social virtual”.

Poucos sabem, mas na China, apesar de ter uma economia capitalista, é um país comunista, e por tanto, totalitário e ditador. Para se eternizar no poder, a maneira mais eficaz de manter seu povo submisso

aos mandos nada democráticos daquele país, há uma supressão e bloqueio de informações que não estão em consonância com as premissas do grande, e único partido comunista da China, o qual, por coincidência, o “presidente” daquele vasto e secular país também é o líder do partido. Naquele país asiático não existe a plataforma Google, onde se poderia se coletar informações diversas, sob diversas óticas e de diversos espectros, tudo o que um país totalitário não deseja. Então, estes orientais inventaram a sua própria plataforma de busca, bem como sua própria rede social e serviço de mensagem por aplicativo, obviamente, todas as informações que passam por estes serviços são meticulosamente observadas e o que não se adéque aos interesses do partido, são sumariamente suprimidas da vista de seus compatriotas, evitando assim, uma tentativa de insurgência dos ideais do lá louvado, líder revolucionário Mao Tse Tung, grande genocida que promoveu a revolução cultural no início do século passado.

Neste ponto o leitor deve estar se perguntado: “Tá, mas o que isso tem a ver com o domínio do dragão chinês” em um país? A resposta é tudo.

Quando se domina a influência cultural em um país soberano, o dominador (podendo-se denominá-lo invasor) exerce um poder de o que, quando e como deve se apresentar uma notícia aos consumidores locais, travestindo uma matéria jornalística de cunho factual em mera narrativa ideológica e cunho disseminador de uma realidade, colocada aos moldes do dominador, para que esta seja mais palatável, editada, e transformada em um panfleto identitário e com viés ideológico, “pintando” uma realidade que, se depois de maquiada aos moldes comunistas, faz os desenhos animados parecerem mais realistas que os fatos cedidos pelos meios de comunicação dominados pelo “grande dragão” para quem possui certa eloquência e conhecimento dos fatos crus, sem edição ou torção da realidade, eis o surgimento da pós verdade.

Como dizia Antônio Gramsci, “A conquista do poder cultural é prévia a do poder político, e isto se consegue mediante a ação concertada dos intelectuais chamados orgânicos infiltrados em todos os meios de comunicação, expressão, e universitários”.

Não há como você rechaçar um poder político se você não bebe de outras fontes para que assim se possa criar um juízo de valor e aplicar a famosa frase do renomado filósofo e matemático René Descartes, “*cogito ergo sum*”. “Não precise pensar, o Estado faz por você”, parafraseando o personagem Thomas Shelby, na série *Peaky Blinders*.

Por esta razão e que grandes grupos empresariais, “particulares”, porém sob a batuta do partido comunista vem, a passos largos, comprando nacos de empresas de telecomunicações, vide matérias pagas

no jornal O Globo e Rede Bandeirantes, para difundir “as maravilhas daquele país encantado, que serve de exemplo aos outros”, claro que não difundem a perseguição aos católicos, aos muçulmanos Uigures, aos “campos de reeducação” lá instalados, ao “sumiço” de médicos e jornalistas que ousam a contrapor o sistema. Esqueça isso, isso é fakenews, somos bonzinhos.

Caros leitores, deixo uma reflexão. Vossas senhorias sabem por que quase a unanimidade dos filmes produzidos na Meca da sétima arte não abordam temas sensíveis aos comunistas? Vai um *spoiler*, a maioria das indústrias cinematográficas de Hollywood tiveram suas ações compradas por “capitalistas chineses”. Que coincidência não?

O domínio do entretenimento e de fontes de informações, bem como a corrupção de agentes políticos, facilitam os interesses econômicos e culturais no país. Tendo como exemplo uma senadora do Partido dos trabalhadores, Katia Abreu que disse *ipses literis*” Eu me deitaria para que um chinês passasse por cima de mim para que aquele país nos ajudasse com as vacinas”. Eis o poder cultural e a postura de laçao que alguns congressistas que o comunismo almeja. Longe de mim fazer elucubrações de que há uma bancada financiada por um país, em benefício deste, pois seria crime, porém, tirem suas próprias conclusões.

Partindo para um contexto puramente comercial, por aquele país possuir mão de obra escrava ou semiescrava, [grandes indústrias mundiais alocaram suas plantas de fabricação](#) naquele país, sob o propósito de diminuir os custos operacionais do produto, entretanto, os países originários dos produtos que outrora eram fabricados em sua terra natal, ficaram paulatinamente dependentes da produção dos bens pelos chineses, assim sendo, que controla o aumento de produção, a velocidade de fabricação e a logística de entrega é a China, fazendo esta refém os países que ali instalaram suas bases fabris.

Como se já não fosse pouco, grandes quantias de emolumentos são generosamente emprestadas a países pobres, porém estrategicamente posicionados, para que estes pudessem ampliar sua capacidade de infraestrutura, principalmente portos. Contudo, com a impossibilidade do pagamento de tão generosa ajuda, aquele país credor toma para si o controle das instalações por inadimplência dos que tomaram o crédito, expandindo assim seu poder de influência naquele incauto país bem como nos países circunvizinhos, dando continuidade ao projeto de séculos atrás chamado “rota da seda”, “*One belt, one road*”, intensificando e impingindo métodos mercantis muito mais rentáveis ao país de Chi Jin Ping.

Recomenda-se a leitura de um livro escrito por um PhD americano, Dr. Sean Mc Faite, “*The rules of war*”.

Com isso, em um mundo globalizado, fica muito mais fácil a barganha mercantil e o emprego de “*low fair*” entre os *players* mundiais.

A China é responsável por 30% das emissões de CO2 na atmosfera, são os maiores poluidores dos oito principais rios da região, praticam perseguições e tolhimentos de direitos civis, ameaçam a soberania de vários países, e porque não são retaliados? *It's all about money, my dear!*

Chegando ao final desse breve apanhado de fatos, chegaremos a conclusão de que é mais prático e eficiente tomar conta da narrativas vomitadas pelos meios de comunicação, bem como a dependência comercial, do que um confronto bélico, pois o que mais a cultura chinesa exalta é a paciência para a conquista.

Cabe então, por derradeiro citarmos uma celebre frase de um herói da segunda guerra mundial:

“Não existe opinião pública, existe opinião publicada” Sir Winston Churchill.



O que a Maratona ensina aos conservadores

Por Edson Araujo

Em 490 aC, uma batalha épica aconteceu na Grécia. Na primeira guerra médica, a batalha de Maratona foi um momento histórico que muito nos ensina; vamos ao resumo? Milcíades, general helênico que lutava pela Grécia, (outrora lutou pelo império Persa). Obteve uma importante vitória naquele momento. Porém, o mais importante não era estabelecer a vitória e sim, comunicar de maneira ideal, precisa, a vitória às mulheres que guardavam Atenas, para pôr em prática seu plano em caso de derrota.



O plano, era por fogo em toda a cidade, caso os Persas conseguissem a vitória, para que eles não tivessem acesso aos segredos e a toda a sabedoria grega disponível, além de não os tornarem escravos como de costume. Bom, Milcíades, tendo estabelecido a vitória Grega, ordena ao soldado Feidípedes, que corra até Atenas para comunicar o aviso às mulheres. Mas, se Feidípedes não passasse a mensagem no tempo certo, elas poriam fogo em toda a cidade e fugiriam para não virarem escravas com seus filhos e os demais habitantes. Então, ele parte para a missão mais importante de sua vida: Salvar Atenas!

Feidípedes corre então, por cerca de 42Km, após 3 dias de intensa batalha. Corre, por planos, morros, montanhas e vales. Ao chegar na cidade, as primeiras que o avistarem são as guardiãs, que vendo-o extremamente exausto, se aproximaram dele e ouviram apenas uma palavra: VENCEMOS!!!! Em grego: NIKE!!! (Em Lindão a deusa da vitória)Então, o que o conservadorismo, tem em comum com esta história?

Assim como os gregos, nós lutamos por um ideal de liberdade e soberania. Nossos valores estão alinhados com o conservadorismo e não negociamos isso. Mas, diferente dos gregos não estamos melhor posicionados no campo de batalha e nossos soldados embora esforçados não são tão experientes na guerra. A luta não é apenas pelo país e pelos nossos bens mais caros, como a família, por exemplo.

Nossa luta é pela honra de sermos livres!!!! Livres para viver nossos valores, princípios e virtudes e com isso, assegurar os mesmos direitos de quem quer viver diferente de nós.

Temos um general? Sim, temos; e não é outro se não, Deus!! Representado por nosso ideal, inegociável, nisso somos irredutíveis. Nossa Atenas é o futuro e as pessoas que ficaram aguardando na

cidade são as crianças e os que dependem da nossa postura em batalha para serem cidadãos livres, tendo preservados seus direitos, sobre tudo o direito a vida e a liberdade. Sim, somos um exército de patriotas e não uma milícia que luta por valores corruptíveis.

Somos, INVENCÍVEIS!!!! Pois nos apoiamos no que há de mais altivo e próprio, a saber: os valores espirituais e humanos, que nos deixaram, nossos antepassados e escolhemos os exemplos bíblicos, entre outros... Vale lembrar que, assim como em Maratona, a luta não termina com aquela Vitória, pois os Persas retornaram em outros momentos para tomar Atenas. Mas, há um Feidípedes em cada um de nós que todos os dias percorre os caminhos possíveis para levar a mensagem de ânimo, necessária a todos os que dela necessitam.

Como nosso herói, temos que saber passar a mensagem certa, do jeito certo e as pessoas certas para que não destruam suas esperanças depositadas na vitória do conservadorismo.

Pessoas simples que dependem de boas notícias para continuar firmes em sua fé e em nossa nação. O poder de síntese é fundamental nestes momentos. Veja: E se Feidípedes, dissesse qualquer outra palavra naquele momento? Por exemplo: Água!!!(É claro que estava com sede) Atenas, embora tivesse vencido a batalha,não sobreviveria a uma mensagem não entregue.

Um mensageiro tem a RESPONSABILIDADE de saber portar e passar a mensagem que leva. Portar na vivência da mensagem e passar no seu exemplo e verbalização. Por isso a importância de resgatarmos as definições dos temas que propomos, estudar nosso inimigo e criar estratégias para vencer as batalhas que virão nesta guerra pela vida e pela liberdade. Que saibamos não apenas passar a mensagem, mas sermos a mensagem!!! Que o Brasil precisa, tendo em nós a síntese de tudo que é importante para o futuro dos nossos queridos compatriotas. Assim como a vida daqueles gregos que nem se quer sabemos seus nomes ao todo; não nos preocupemos com fama, dinheiro, poder, em fim, se não, sermos os soldados que a nossa pátria precisa.

E não pusemos se quer pensar que não venceremos!!!! Pois ao nosso lado estão os valores que a própria natureza humana, clama por se estabelecer.

Quanto tempo, não sabemos. Quantas batalhas, não sabemos. Mas o importante a saber o nosso objetivo; estabelecer a bondade, verdade e a justiça em nossa nação. Lucas:9:62. “Quem põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o reino de Deus”

Que Deus abençoe nossa jornada!

“Rio 40 graus, cidade maravilha, purgatório da beleza e do caos”

Por Mauricio Motta



Com o refrão de um dos grandes sucessos de Fernanda Abreu, lançado em 1992, iniciamos nossa reflexão. O ritmo envolvente da música não é suficiente para esconder a verdade estampada em sua letra.

Vamos falar da Mui Leal e Heroica Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, que ostenta este

título oferecido por D. Pedro I. Não trataremos da parte de sua história que deu causa a tão honorífico título, mas de seu ocaso. Que cataclismos poderiam ter levado uma das mais visitadas cidades do Brasil, que entre 1763 e 1960 foi Distrito Federal, por consequência a vitrine e câmara de eco para costumes, cultura e política, a mergulhar em uma espécie de caos purgatorial para seu povo?

A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro foi fundada por Estácio de Sá em primeiro de março de 1565, como dissemos foi Distrito Federal até que em 21 de abril de 1960, com a inauguração de Brasília, iniciou uma triste jornada de decadência e imoralidade administrativa. Entretanto, a transferência da Capital para Brasília não seria e de fato não foi suficiente para provocar os danos que ora observamos.

1974 guardaria uma nova punhalada na alma da antiga terra de kari'oka. A fusão do Estado do Rio de Janeiro com o Estado da Guanabara deu origem a configuração do Estado conforme conhecemos hoje, relegando o importante Estado à condição de cidade. Ainda assim, aquele rebaixamento também não bastaria para afetar o moral e a importância do Rio de Janeiro. Se não foram as mudanças de status administrativo que soterraram a cidade e sua história, seus administradores cumpriram com eficiência a nefasta tarefa.

Iniciaremos a lista de governadores com Antônio de Pádua Chagas Freitas, ou Chagas Freitas como era conhecido. Advogado e jornalista, foi governador da Guanabara, eleito indiretamente para a gestão 1971 a 1975 e eleito governador do Estado do Rio de Janeiro entre 1979 e 1983. Sua característica fundamental era o clientelismo. Sua aliança com o funcionalismo público, assim como o aparelhamento promovido pela distribuição de cargos, além do uso de seu jornal (O Dia) para direcionamento da opinião pública (segundo seus analistas), formataram o modelo de gestão que seria aplicado e ampliado nos governos posteriores.

Em 1979, retornando de seu período de exílio, Leonel de Moura Brizola, figura conhecida na política nacional no período anterior ao regime militar, em função de sua ativa participação de apoio a João Goulart (seu cunhado), retoma sua atividade política.

Brizola lançou-se candidato ao governo do Estado do Rio em 1982, tendo como vice o antropólogo e sociólogo Darcy Ribeiro. Brizola, de histórico populista, estatista e claramente de viés esquerdista, getulista de primeira hora e presidente fundador do Partido Democrático Trabalhista (desde 1986 associado à Internacional Socialista); aliado a Darcy Ribeiro, que trabalhara junto a Anísio Teixeira (do qual falamos brevemente em nosso primeiro artigo), e que fora Ministro da Educação de João Goulart inauguraria o que o próprio Brizola chamou de “socialismo moreno”. O Rio de Janeiro esteve entregue à ideologia marxista, com sotaque demagógico-populista-tropical entre 1983 e 1986.

Sob Brizola o Estado do Rio de Janeiro assistiu ao crescimento e fortalecimento do Comando

Vermelho, ante a política de governo do não enfrentamento. Da mesma forma, a favelização e a desordem urbana foram fortemente aceleradas com a nova mentalidade brizolista que defendia nas palavras de Darcy Ribeiro: “favela não é problema, é solução”.

Talvez sua marca mais visível até os dias de hoje sejam os CIEPs. Escolas idealizadas por Darcy Ribeiro que, oferecendo educação em período integral, alimentação e cuidados médicos básicos ao alunado fluminense, era financeiramente insustentável para um estado que já sofria com a “elefantíase administrativa”, o inchaço da máquina que não tendo combustível financeiro, sucumbiria em pouco tempo.

Sucedendo a Brizola, assume o Palácio Guanabara o senhor Wellington Moreira Franco para o período entre 1987 a 1991. Para falar de Moreira é necessário antes falar de seu sogro, Ernani do Amaral Peixoto, ex-interventor indicado por Getúlio Vargas para o Estado do Rio entre 1937 e 1945 e governador entre 1951 e 1955. Amaral Peixoto mantinha o estilo populista ao modo de seu sogro, Getúlio Vargas. Aparentemente ter sogros influentes era e continuaria a ser passaporte para boas posições políticas.

Moreira, que na juventude fora liga à Ação Popular que era um grupo radical de base marxista, era fruto do galho de Amaral Peixoto, recebendo indiretamente a seiva do troco getulista, sua demagogia já ficava demonstrada em uma de suas promessas de campanha onde afirmara “A promessa de acabar com a violência absoluta (no Rio) em seis meses não é absurda, porque o índice de violência é fruto da cumplicidade do governo com a criminalidade”. De fato havia algo de verdadeiro em sua premissa, a política do não enfrentamento soava como cumplicidade.

Moreira não só não cumpriu sua promessa, como também viu acelerado o drama iniciado por Brizola. O Rio de Janeiro, já sufocado pelas políticas de governo com forte tendência ao apadrinhamento das classes mais necessitadas, o que de modo algum sugere a solução de seus problemas, mas antes a manutenção de sua condição subalterna e de apoio útil; perdia também grandes empresas que já na década de 90 fugiam do sufoco fiscal e da criminalidade em franca ascensão.

O sucessor de Moreira Franco foi o ex-prefeito do Rio, ex-filiado ao PDT de Brizola, advogado defensor de presos políticos, e candidato pelo PSDB Marcello Nunes Alencar. Apesar de seu passado Alencar promoveu privatizações como nos casos da CERJ, BANERJ, CONERJ e Flumitrens, tendo também extinto a Companhia de Transportes Coletivos do RJ (CTC-RJ). A linha de privatizações de seu governo (1995 a 1998), apesar de importantes, não desviou o Estado da rota seguida desde 1983. Os cupins da corrupção, os corporativistas, os narco-terroristas seguiam destruindo a beleza e riqueza da Mui Leal Cidade, deixando um rastro de caos.

Em 1999 Alencar é sucedido por Anthony Willian Matheus de Oliveira, o Garotinho (1999 a

2002). Este abraçou no início de sua carreira política a Juventude Socialista através de seu partido, o PDT. Afilhado político de Brizola, como fruto do brizolismo, não cairia longe de sua árvore. Populista e demagogo como seu inspirador, seguiu a receita da manutenção da pobreza, utilizada como sustentáculo político. A criação dos conhecidos restaurantes populares e também do cheque cidadão exemplificam bem a questão. Aliás, sobre o Cheque Cidadão, em sua época pairaram denúncias e suspeitas de favorecimento e sua utilização por parte de lideranças religiosas, que supostamente distribuíam os cheques em seus redutos religiosos em troca de apoio político.

Em 2002 Garotinho se afasta do cargo para concorrer à eleição presidencial. Deixa em seu lugar Benedita da Silva (PT), dando tons ainda mais vermelhos ao Estado. Benedita, sem grandes dotes, apenas ocupou a cadeira de governadora porém, o governo pareceu acéfalo em seus poucos meses de pseudo-gestão. As questões sociais, econômicas, a criminalidade e a desordem seguiam sem combate. Mais interessados com os aspectos exteriores da gestão pública, os governos se sucediam repetindo as velhas fórmulas da esquerda brasileira: corrupção, populismo, clientelismo, demagogia e destruição. Até aquele momento o cerne da questão não era tratado.

Rosa Barros Assed Matheus de Oliveira, a Rosinha Garotinho foi eleita para o período entre 2003 e 2006 substituindo Benedita da Silva. Na verdade pouco há que se acrescentar sobre sua passagem pelo governo do Estado, sendo esposa de Garotinho, foi de um continuísmo óbvio e constrangedor. Deixou um vácuo de gestão, se limitando a manter o que já fora feito. Tanto Rosinha quanto Garotinho enfrentaram posteriormente impugnações de candidatura, denúncias diversas, processos e, prisão.

Um de seus atos finais como governadora foi a convocação de todo o cadastro de reserva de concurso público para o magistério. Esta medida pode ser encarada como necessária para o bom funcionamento da estrutura educacional mas, provocou oneração brutal da folha de pagamento de seu sucessor, visto que foi executada de uma só vez.

O Rio de Janeiro estava a apenas mais um passo do abismo de onde ainda hoje não conseguiu sair.

Apoiado pela família Garotinho, o governador eleito para o período entre 2007 e 2010 (reeleito até 2014) foi Sérgio Cabral Filho. De família ligada à esquerda intelectual, tendo sido seu pai, o jornalista e crítico musical Sérgio Cabral um dos fundadores do periódico O Pasquim. Iniciando sua carreira pelo PMDB, dirigiu a Companhia de Turismo do RJ na gestão Moreira Franco, foi deputado estadual por três mandatos, presidente da Alerj e finalmente governador do Rio. Não trataremos do seu início brilhante, mas apenas e de forma breve da marca que deixou após sua gestão. As grandes obras, deixaram rastros de superfaturamento, corrupção, malversação, formação de quadrilha entre outras acusações e condenações que sob Cabral, destruíram a economia fluminense. A Operação Lava Jato

descortinou um panorama, que ainda que não fosse novo, era mais assustador e escandaloso do que poderia supor os mais pessimistas observadores da história. Cabral elevou a corrupção a níveis megalômanos. Seus governos levaram ao ocaso de um importante estado, que já fora influente e bem administrado.

De suas obras ainda vemos os esqueletos, a incompletude e a degradação, testemunhos do quanto nos falta aprender com nossa história.

A renúncia de Cabral em 2014 para concorrer ao governo federal, entregou o Estado a seu vice, o senhor Luiz Fernando Pezão. De seu governo também pouco falaremos, pois pouco há que se falar. Da mesma forma que Benedita da Silva e Rosinha Matheus, Pezão apenas ocupou a cadeira de governador, repetindo à exaustão as mesmas fórmulas e comportamentos. Sua eleição para o governo do Estado para o período entre 2015 e 2018 funcionou como um estado febril em um corpo em estado terminal. Sua inépcia e seu grotesco despreparo, mais que uma causa para a tragédia, eram sintomas de um quadro ainda mais grave: o Estado definhava moral e economicamente a olhos vistos.

A base estruturada por Chagas Freitas, associada à sucessão de desgovernos de viés esquerdista, em seus mais diversos tons, desde Brizola a Pezão, mostram que não tínhamos nem mesmo em nível regional a organização de movimentos conservadores que pudessem fazer frente à esquerda. Sucessivos apadrinhamentos políticos, aparelhamento da máquina administrativa e a manutenção do regime oligárquico destruíram as possibilidades que este Estado possui.

É importante explicar que a esquerda não se caracteriza pelo seu discurso nem pela sua ideologia, mas antes pela sua visão de mundo. Ainda que não se possa classificar os governadores citados como socialistas em termos ideológicos, seus comportamentos políticos encarnavam com precisão a forma de conquista e manutenção do poder de qualquer governo socialista. Ainda hoje, muitos negam com veemência qualquer alinhamento ideológico à esquerda, ignorantes de serem instrumentos e usufrutuários daquela ideologia nefasta.

O Rio de Janeiro é hoje um purgatório onde seus cidadãos pagam pelos crimes de não interessarem-se por política, entregarem-se de bom grado às políticas assistencialistas e omitirem-se diante da desordem social e urbana como se nada tivessem com o problema. O caos é nossa herança e legado.

Que tenhamos a sabedoria para buscar reformar nossa própria visão de mundo e também o nosso Estado, mediante melhores escolhas no futuro.

O Amor: uma história antiga na Constituição da República

Por Cecília Carnaúba



Apolo andava muito envaidecido de seus dotes e façanhas, afinal, possuía os dons da medicina e da música, além disto, havia morto Píton, a serpente gigante, com uma das flechas que trazia em sua aljava. Ao terminar este prodígio, avistou Cupido, deus que se mantinha criança pela vida a fora e, naquele momento, polia suas lindas setas. Tomado pela soberba, Apolo disse-lhe: - As flechas não são brinquedo de meninos! São armas para os poderosos que, como eu, são capazes de matar até mesmo temíveis gigantes!

Cupido sentiu-se apequenado, injustiçado, afinal dedicava sua vida a flechar as pessoas, aos pares, para que se enxergassem mutuamente, se entregassem uma a outra e pudessem viver o amor, em plenitude. Usava flechas de ouro, finíssimas e de pontas ainda mais finas para não causar dores em seus alvos. Tinham a divina missão de encher os pensamentos de sonhos, aguçar a sensibilidade das pessoas para que percebessem o colorido das flores, o afago da brisa, dentre outras belezuras da vida, enfim: espalhar esperança e felicidade pelo mundo.

Apolo relegara a função de unir, através do amor, a um patamar inferior, a arrogância lhe dizia que ter sido capaz de matar a serpente mostrava o quanto ele era poderoso, viril, sentiu-se mais orgulhoso deste feito do que de seu próprio dom de curar as pessoas através da medicina.

Cupido estava inconformado com o desprezo e decidiu encontrar um meio de mostrar, ao seu egocêntrico companheiro do Olimpo, o valor do amor. Neste instante, viu, ao longe, a linda Dafne que bailava distraída na beira do rio. Sacou de sua aljava uma seta diferente, com ponta de chumbo arredondada, e disparou-a sobre o corpo da ninfa. O disparo foi certo, atingiu o coração de Dafne exatamente no ponto de confluência das linhas do amor, rompeu o laço que as unia e espalhou-as. Pesada e de difícil penetração, a seta rasgou a pele e os músculos, fez sangrar o coração da ninfa, mas Cupido instantaneamente a curou com seu olhar amoroso. Ela não percebeu a alteração que se operara em si, a flecha divina lhe era invisível, mas cumprira seu destino.

Em seguida, Cupido atirou, sobre o corpo de Apolo, uma de suas leves flechas de ouro de finíssima ponta. O deus sequer notou que havia sido atingido por ela, mas, imediatamente, seus olhos enxergaram Dafne e sua beleza irresistível. Foi, de imediato, tomado pelo sentimento de bem-estar, admiração, desejo, propósito de proteção, dedicação e paciência, queria aninhá-la em seu colo. Dirigiu-se à Dafne para dizer-lhe o que sentia, mas foi, surpreendentemente, repellido por ela. A ponta de chumbo havia produzido seu efeito, Dafne havia se tornado incapaz de receber e dar amor.

Apolo insistiu, seguiu a ninfa pedindo-lhe que recebesse seu amor. A recusa foi implacável e Dafne começou a correr para afastar-se, mas Apolo a seguiu, quando estava prestes a ser alcançada, a ninfa pediu a seu pai que lhe mudasse forma, não era capaz de amar e ser amada. Para respeitar-lhe a vontade, seu pai o rio-deus Pneu, a transformou em um belíssimo loureiro, de abundante folhagem, tronco rígido, coberto de vigorosas cascas e raízes profundas ficadas à margem da correnteza do rio seu pai.

Desolado com a escolha feita por Dafne, Apolo adotou as folhas de louro como adorno para sua cabeça e para sua aljava, dedicou-se aos trabalhos da medicina com inteiro devotamento à cura das pessoas, agora conseguia enxergar a beleza que vivia em cada uma delas e tratava de preservá-la.

Ao final do dia, cansado de distribuir tantos bálsamos medicinais para curar os seres humanos, se recostava no tronco do loureiro, sob sua sombra, dedilhava lindos sons em sua harpa encantada e entoava belíssimas canções de amor. Sua música enternecia de tal modo a quem ouvia que até as nuvens choravam. Apolo tentou aplacar o amor que ardia em seu coração aplicando em si mesmo seus bálsamos medicinais, nenhum funcionou. Desistiu e dizem que a cada dia que se recostava no loureiro para tocar harpa o deus estava mais belo, gentil e sua música ainda mais encantadora.

O resultado evolutivo, mais atual, da tentativa de manutenção da fruição do amor fraternal na civilização humana é o sistema normativo constitucional, ele cria o Estado e organiza a convivência humana. A Constituição é um ajuste de interesses para preservação e fomento da fraternidade humana, da liberdade, e dos deveres de desenvolvimento nacional. Se organiza sob a forma de conjunto de competências e atribuições, fundadas na Justiça, dignidade e trabalho para o desenvolvimento humano e do país.

O amor fraternal se expressa positivamente, na Constituição Brasileira, através destes princípios e se constitui em objetivo de Estado, força normativa de agregação político/social. Impositivamente, deve inspirar o funcionamento do Estado, afeta os agentes públicos e os cidadãos. A Constituição recebe cada membro do grupamento social como parte indivisível do todo e, simultaneamente, garante a liberdade individual, fixando os limites de seu exercício para possibilitar a auto realização no ambiente do Estado.

Os deveres de desenvolvimento nacional e promoção do bem de todos, indicam a direção de todo movimento do Estado, os demais objetivos, indicados no artigo 3º da Constituição de 1988, são meios a serem seguidos para alcance destas duas finalidades. São o ponto de convergência de todas as linhas de trabalho público e de exercício da cidadania, simultaneamente, são os valores inspiradores do amor fraternal sobre o agir público. É por causa deles que os agentes públicos, têm o dever de ação fundada no plano de promoção do bem de todos, artigos 1º e 3º da Constituição.

Os Objetivos de Estado se impõem às interpretações normativas, que fundamentam as decisões judiciais e as vinculam ao dever de não contradição com o texto literal das normas Constitucionais e à ordem sistêmica do direito posto. Outrossim, se impõem sobre a atividade administrativa Estatal cujos atos somente são validados pela Constituição se estiverem vinculados à promoção do desenvolvimento individual e coletivo planejado e esquematizado pelo sistema normativo.

As Constituições precisam especificar quais são os valores normativos referenciais do amor fraterno, para construção de um Estado mais seguro do que o Estado de direito, o Estado Humano, porque os instintos humanos só habilitam o homem para uma convivência social de pequeno número de pessoas. Para que o amor fraternal seja possível em grupos muito numerosos a legislação precisa criar condições e orientações fundadas nos comportamentos aprendidos ancestralmente.

O amor instintivo existe no ser humano, hoje, com o mesmo formato em que ocorreu nos grupamentos humanos originais, restrito a um pequeno número de pessoas. O amor fraternal extensivo a todos os seres humanos só é possível através da aprendizagem. Talvez seja este o fundamento da fala de Cora Coralina de que “bondade também se aprende”.

Os grupos humanos iniciais do paleolítico possuíam um chefe em quem os integrantes tinham plena confiança, porque compartilhavam com ele os instantes do dia-a-dia e testemunhavam seu propósito de condução do grupo à realização do bem de todos. A convivência física diária dos membros do grupo, unidos em razão de trabalhos específicos do interesse de todos, como a alimentação, por exemplo, era o testemunho pessoal da cooperação de cada um para o bem comum. Este ambiente era propício para o florescimento do amor recíproco e legitimação das decisões do chefe.

As restrições comportamentais abstratas foram sendo aprendidas ao longo do tempo com a ampliação do número de integrantes destes grupos e com a necessidade de inter-relação entre eles. A premência era de que, nesta conjuntura, alguém desgarrado do grupo não sobreviveria. Foi o conjunto de aprendizados pontuais, casuísticos, que formou a cultura, possibilitou a civilização humana e formou a noção de moralidade. A moralidade que vivemos hoje é um comportamento aprendido pelos nossos ancestrais e transmitidos ao longo das gerações.

Ocorre que os grupos aumentaram muito o número de integrantes, e isto provocou duas rupturas fundamentais que afetam a fruição instintiva do amor recíproco nos ajuntamentos humanos: primeiro, a perda de objetivos concretos específicos comuns que a todos vincule com a mesma potência e, segundo, a impossibilidade de convívio físico, diário, entre todos os integrantes do grupo. Este é mesmo o ponto em que a flecha de chumbo de ponta arredondada de Cupido rompe o laço e desagrega todas as linhas do amor instintivo, tal como fez em Dafne.

A falta de objetivos concretos específicos, pontuais, diários e prementes, continuamente comuns, diminui a solidariedade. Diminui também o tempo de partilha dos instantes da vida, de convivência física. O afastamento físico enfraquece a confiança no outro porque se perde o testemunho do dia a dia.

As constituições atuais têm a função de criar vínculos para suprir o distanciamento social interno provocado pela perda de objetivos comuns e perda de convivência diária entre os integrantes dos grupos humanos. Para manter a agregação sócio/política do grupo à Constituição traça um plano e esquematiza o modo de agir no ambiente do Estado através dos fundamentos e objetivos de Estado. Estes buscam reforçar o aprendizado do amor fraternal, garantir que seja extensivo a todos os cidadãos, em especial a quem não se conhece pessoalmente.

Para suprir a quebra de confiança, que nascia espontaneamente do testemunho diário das ações do outro e legitimava as ações e decisões do chefe do grupo, cria-se, no Estado constitucional, o dever de ação estatal inteiramente vinculada aos objetivos de Estado, nomeadamente aos objetivos de desenvolvimento

nacional e de promoção do bem de todos. A Constituição reforça essa busca de confiança com a instituição de penalidades para quem descumprir estes deveres.

Para que esta ordem Constitucional funcione como agente agregador e de fruição do amor fraterno, exige, como pressuposto, a credibilidade na força vinculante do comportamento aprendido, através da informação, ancestral, de que prosperam os grupos que vivenciam a honestidade e a lealdade.

Os objetivos de Estado só garantem a fruição do amor fraternal na sociedade se os seres humanos que interagem no ambiente público tiverem realmente aprendido a lição da História de que a prosperidade se ergue sobre a verdade, lealdade e a vinculação espontânea à realização do bem de todos. Sem esta disposição interna do ser humano, os objetivos de Estado não conseguem atar as linhas do amor fraterno que se revelam através dos objetivos de Estado.

Como os integrantes da sociedade atual não partilham os instantes de seu dia a dia com os decisores e agentes do Estado, sua confiança, neles, depende da credibilidade de que se movem sobre o propósito de promoção do desenvolvimento nacional e da promoção do bem de todos. Os pontos convergentes das linhas de amor fraterno, na Constituição, destinam à agregação sócio/política.

Ocorre que quando os resultados da atuação pública não se refletem em melhoria concreta, visível, vivenciável, praticamente, pelo grupo, a confiança da população na vinculação das autoridades públicas, ao dever funcional de cumprimento dos objetivos de Estado, desaparece. Sem confiança, o amor não floresce, suas linhas não se encontram para formar laço, a agregação social é impossível.

A falta de confiança na força vinculante dos objetivos de Estado, sobre a atividade dos agentes públicos e a imobilidade no curso de desenvolvimento sócio/político/econômico, retiram a legitimidade dos decisores políticos. A ineficiência dos decisores públicos em dar efetividade aos objetivos estatais quebra a confiança nos agentes do Estado e, como confiança é condição para fruição do amor fraternal no ambiente do Estado, a tendência de desagregação se impõe.

A desconfiança sobre a vinculação, das ações dos Poderes públicos, aos objetivos fundamentais do Estado, equivale à soltura das linhas de amor no coração de Dafne. O desastre sobre a capacidade constitucional de dirigir o grupo humano ao crescimento e bem-estar é inevitável. Talvez, relembrar os valores, aprendidos ancestralmente, de caridade humana, honestidade e lealdade, que informaram a prosperidade dos grupos humanos iniciais, seja um sinal da direção a seguir.

Apolo, mesmo sendo o deus da medicina, não encontrou bálsamo capaz de aplacar o amor, porque amor não é enfermidade, é, em si, o mais poderoso bálsamo, a medicina maior, a cura da vaidade da

arrogância que apequenavam o deus. O testemunho de Dafne revela que doença é a falta de amor, é ela que enrijece, aprisiona, imobiliza, mesmo que o rio da vida corra vivamente a seus pés, quem não é capaz de amar, igualmente, não é capaz de mergulhar, de navegar sobre ele.

É possível que esta mesma lógica se aplique à quebra de confiança porque, talvez, o empenho de maior força no cumprimento dos objetivos do Estado, incondicionalmente, não represente prejuízo para os interesses individuais ou grupais, talvez seja, de fato, a solução que traz os melhores benefícios para todos. Nesse tempo presente, de tantos Apolos orgulhosos do poder de matar serpentes, tempos de linhas de amor despregadas por setas de chumbo, de tantos enrijecimentos e imobilidades causados pelo desfazimento do laço destas linhas, tempos em que os objetivos fundamentais do Estado são tão aviltados pelos interesses individuais, penso que precisamos desesperadamente de amantes.

Precisamos dos Apolos alvejados pelas flechas de ouro, a curar as pessoas com seus bálsamos medicinais, a tocar harpa, entoar canções de amor capazes comover o mundo. Tomara que sua linda cantoria comova também Cupido, e o faça reatar as linhas da confiança rompidas no coração da Constituição da República, pela atuação indevida na atividade pública. Oxalá o deus faça, com elas, um lindo laço de amor fraterno, afinal, o povo brasileiro não merece a mesma desdita do deus da medicina: amar sem ser amado.

Deus nos ajude!

Não alimente o monstro

Por Leandro Costa

É certo dizer que o marxismo cultural tem uma natureza complexa, enganando os menos desavisados e até mesmo os mais capazes, não é fácil identificar suas facetas em um relance, ainda que sejas perspicaz, e para melhor ilustrar, utilizaremos como base a mitológica besta denominada Hidra de Lerna.

O referido monstro, filho do mais temível dos titãs e Equidna, com seu corpo de dragão e várias cabeças capazes de se regenerar, guarda tamanha semelhança com a besta da atualidade, que além da gritante capacidade de destruir, tem como mais marcante característica a possibilidade de regenerar suas cabeças, ainda que decepadas.

É incontestável a semelhança entre a referida besta mitológica e socialismo, monstro que se alimenta do sangue humano e ironicamente usa o vermelho como cor simbólica, talvez, fazendo uma justa homenagem aos incontáveis litros do líquido escarlate que espalhou em todo o canto ao qual chegou ao poder.

Ambos são naturalmente destrutivos, o hálito venenoso da besta e sua fome por carne humana podem ser igualmente vistos na gana destrutiva difundida pelos revolucionários, seu ódio recorrente por todos que não se curvam a sua sede pelo poder e sua fome até de vidas intrauterinas é algo que põe até mesmo a mais asquerosas das criaturas em uma posição de maior valor existencial.

A mais espantosa das similaridades entre ambos é a capacidade de regenerar suas cabeças, posto que, é evidente que os revolucionários se reinventam incansavelmente na sua doentia busca por poder, demonstrando-se, realmente dispostos a regenerar sua face bestial, tantas vezes quanto forem necessárias para exalar seu bafô assassino. Sendo, portanto, imprescindível que cada uma cabeça ceifada não possa



ressurgir como outro igual ou ainda pior, como nas versões em que a besta da mitologia, que era capaz de substituir uma de suas cabeças mutiladas por duas.

Por tal razão, devemos sempre ser vigilantes em relação ao mal, sabendo que ele agirá como a água que procura uma brecha para forçar sua passagem, e, assim como a Hidra de Lerna, não dar-se-á por vencida quando tiver suas cabeças decepadas, ressurgindo da forma que lhe melhor convir para, novamente, atacar com igual ou mais força em busca de sangue humano para seu deleite.

As múltiplas faces do movimento revolucionário residem nas mais tênues defesas de pautas, que parecem justas à primeira vista, até os mais radicais ataques aos que têm a petulância de se opor a sua busca pelo poder.

Destaca-se a corrupção com uma destas faces, provavelmente a que mais alimenta o monstro, tendo a capacidade de fazer com que a besta, não a mitológica, seja capaz de engolir a alma daquele que não comunga de sua fome pela carne humana, colabora pelo desfecho atroz tanto desejado pela revolução. Quantos são os indivíduos que, movidos pela ganância, servem ao mal e “cafetina” o futuro de seus próprios filhos acreditando ser a recompensa imediata é o suficiente.

Ao se perceber a defesa da ideologia de gênero, do aborto e outras tantas pautas que nada mais são que faces da revolução se alvitando, é dever daquele que espia tal movimento atuar no sentido de combater tal besta, de tal sorte, é imperioso que todo bom homem recuse-se a sucumbir ao sedutor chamado da corrupção, uma vez que, esta consumirá sua alma, tornando o corrupto um serviçal da revolução.

Não se está insinuando que toda a corrupção reside do lado dos revolucionários, infelizmente, todos estão sujeitos ao fracasso moral, mas, por outro lado, cabe apontar que para pôr a revolução em prática, os adeptos de tal visão jamais se furtarão de praticar a corrupção, se acreditarem que está se justifica como meio de ascensão ao poder.

A corrupção é uma besta que não se satisfará ao consumir a ala do corruptor ou do corrompido, buscará alimentar-se de tantas vidas o quanto puder cativar, logo, tendo sido alimentada por uma mão, tentará compelir aos demais que também a alimentem, seguindo a lógica de que o indivíduo que se mantiver inabalável, virtuoso, é um obstáculo a ser superado, um inimigo a ser batido ou apenas mais uma vida a ser devorada, em que pese, este não deseje se corromper.

Quando você alimenta a corrupção, não está destruindo apenas sua alma, mas a fortalecendo para que tente devorar as dos outros. Por isso é importante que, assim como todas as demais cabeças, esta face da besta seja decapitada e cauterizada, como no mito de Herácles, evitando assim que siga seus desígnios doentios atrás de novas almas, destruindo os bons que se opuserem ao monstro.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE JURISTAS CONSERVADORES

Caderno ABRAJUC

Só triunfará o de sincero coração

Por João Daniel

Preclaros, boa noite. Estou, neste momento, escutando um hino. E, parte do coro me trouxe excelente reflexão. O excerto da melodia diz o seguinte: “só triunfará o de sincero coração”. Fez-me recordar de uma crônica antiga, que remete ao medievo, onde é narrada a lenda do Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda. Em síntese, os doze cavaleiros empreenderam a busca pelo santo Graal, o Cálice usado por Jesus Cristo na última páscoa em que celebrou junto aos Santos Apóstolos. Somente os puros de coração poderiam ver o Cálix!

No seio dessas divagações e inquietações, ponho-me à indagação silenciosa e interna: no meio jurídico brasileiro, no Império do Direito, nas guarnições da Justiça, quem triunfará? E, a contemplar as estruturas da República, imperiosa diante do passar dos séculos, representada e cravada no verde e amarelo do pavilhão que se ergue sob a proteção de Deus, sob o Cruzeiro do Sul, sob o grito do Ipiranga, surge perturbadora perscrutação: poderia haver esperança para este povo que se deita, eternamente, em berço esplêndido?

O ano era 63 antes de Cristo, e o cônsul romano Marco Túlio Cícero fazia bradar, em Roma, as Catilinárias. Um discurso forte e contumaz, por meio do qual era denunciado o senador Lúcio Sérgio Catilina, um dos maiores conspiradores contra a República Romana. “*Quosque tandem, Catilina, abutere nostra patientia?*”¹ (Até quando, enfim, ó Catilina, abusarás da nossa paciência?).

E segue o cônsul romano em seu contundente sermão: “*Nunc iam petis aperte universam Rempublicam; vocas ad exitium et ad vastitatem templa deorum immortalium, tecta urbis, vitam omnium civium, denique Italiam totam.*”² (Agora já atacas abertamente toda a República; chamas para o extermínio e para a devastação os templos dos deuses imortais, as casas da cidade, a vida de todos os cidadãos, enfim, a Itália inteira).

1 As Catilinárias – Cícero. Editora Martins Claret. 2014, p. 30.

2 As Catilinárias – Cícero. Editora Martins Claret. 2014, p. 45.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE JURISTAS CONSERVADORES

Caderno ABRAJUC

Certamente, Marco Túlio Cícero era um homem de sincero e puro coração, bem como os cavaleiros da Távola Redonda, como também muitos juristas da atualidade, verdadeiros cavaleiros templários, empreendedores de valorosas batalhas na seara do Direito, na luta pela verdade, pela liberdade e pela sociedade.

O que dizer de Promotores de Justiça, Defensores Públicos e Magistrados, Procuradores de Justiça, Procuradores da República e Professores Universitários, Advogados e Acadêmicos do Direito que, diuturnamente, com pureza de coração, altivez, espírito de justiça e muita coragem, ombreiam nas trincheiras desta batalha que, mesmo com muitas baixas, resplandece sinais de vitória? Triunfarão!

E de cá, do meu turno, posso dizer, satisfatoriamente, que sou um entusiasta do Direito! Sou apaixonado pelo Direito! E não irei desistir do Direito!

No medievo, os nobres reuniam-se em confrarias e festas de gala, onde ostentavam títulos de nobreza, no seio daqueles que juravam possuir sangue azul. Hoje, infelizmente a maioria das monarquias gloriosas do passado já não existem mais. Contudo, eu gosto de comparar os títulos jurídicos, digamos assim, com aqueles da realeza. Faço isso não por luxo, fantasia ou preciosismo. Mas porque eu enxergo e acredito que o futuro da humanidade será garantido e resguardado através das virtuosas mãos de nobres juristas! Só triunfará o de sincero coração!

E é com esse pequeno texto, terminado por volta de meia-noite e quarenta (conscientemente o horário em que nasci há quase 23 anos atrás), que inauguro a minha coluna no festejado jornal eletrônico Tribuna Diária.

Agradeço ao querido Sileno Guimarães pelo convite, ao honrado mestre e amigo Silvio Munhoz por ter me trazido aqui e me apresentado. Mormente, agradeço a cada um de vocês, caros leitores, pela honra de dedicarem alguns minutos lendo essas linhas escritas com tanto carinho. Só triunfará o de sincero coração!

Variedades

Sugestões culturais

Por Edson Araujo

Filme: Estrelas além do tempo.

Em um momento histórico dominado pelo preconceito e o racismo, Um Grupo de mulheres dão uma verdadeira lição de poder humano com uma postura virtuosa em um contexto extremamente desfavorável, elas, mesmo com todos o modelo social, contra, com uma resiliência admirável, tornan-se as heroínas da nação Americana, liderando um dos maiores projetos tecnológicos da N.A.S.A.

Uma pérola que vale muito a pena conferir e divulgar. Não deixe de assistir.



Dica musical

Pachelbel – Canon In D Major. Best version

Artista: Kanon Orchestre de Chambre, Jean-Francois Paillard

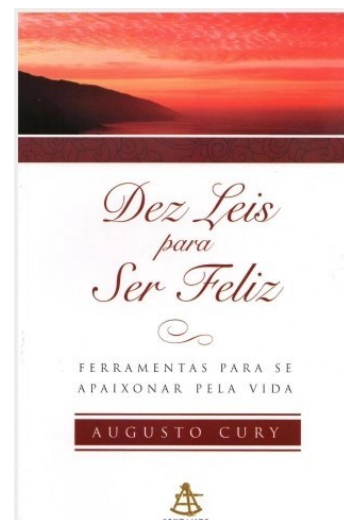
Clique na imagem



Dica de leitura

Dez leis para ser feliz - Ferramentas para se apaixonar pela vida

Seu autor dispensa apresentações. Augusto Cury, escreve neste livro de bolso, pequenas orientações para seu crescimento pessoal, e lança um olhar para o interior humano.



Reflexão:

“Não nascemos para nós mesmos.”

“Não basta conquistar a sabedoria, há que usá-la”.

Marco Túlio Cícero, orador e filósofo romano.

Dica de poema:

Cecília Meirelles

Cânticos – XXI

O teu começo vem de muito longe.

O teu fim termina no teu começo.

Contempla-te em redor.

Compara.

Tudo é o mesmo.

Tudo é sem mudança.

Só as cores e as linhas mudaram.

Que importam as cores, para o Senhor da Luz?

Dentro das cores a luz é a mesma.

Que importam as linhas, para o Senhor do Ritmo?

Dentro das linhas o ritmo é igual.

Os outros vêm com os olhos ensombrados.

Que o mundo perturbou.

Com as novas formas.

Com as novas tintas.

Tu verás com os teus olhos.

Em Sabedoria.

E verás muito além.

Nota de repúdio à SBP – Sociedade Brasileira de Pediatria



“O Brasil deve temer a doença, nunca o remédio”, diz a nota da SBP apoiando a vacinação em massa de crianças entre 5 e 11 anos.

Segundo o dicionário Aulete (1), “remédio” é a “substância que serve para curar ou prevenir doenças”. Além disso, o verbete no dicionário cita uma irônica frase para o momento atual: “Para o pediatra, remédios em excesso trazem mais males do que benefícios”.

Sabemos que a SBP – Sociedade Brasileira de Pediatria, nunca se preocupou em cuidar e tratar os pequenos pacientes doentes acometidos pela COVID-19. Nunca organizou palestras e debates à luz das evidências científicas presentes em artigos científicos e na própria experiência clínica dos clínicos e pediatras com maior conhecimento de clínica médica geral e capacidade intelectual para reconhecer padrões, relacionar com doenças semelhantes para então buscar tratamentos com remédios seguros e consagrados para doenças com fisiopatologia semelhante.

Desde o início da pandemia, a SBP nunca buscou orientar seus associados a tratar seus pequenos pacientes doentes – “curar” é a função primordial e mais urgente de qualquer remédio – mas apenas dirigiu todos os seus esforços e retórica para a narrativa de que a salvação da pandemia só viria através da futura criação e posterior inoculação em massa de uma nova vacina revolucionária; revolucionária porque voltada para um Coronavírus (RNA vírus) que, apesar de todos os esforços dos laboratórios farmacêuticos

nas décadas anteriores, nunca demonstrou segurança nem eficácia, além de ser baseada numa tecnologia de terapia genética nunca antes aplicada em massa em seres humanos – portanto, experimentos.

Remédios consagrados por seu uso massivo no Brasil e no mundo por décadas, vendidos até mesmo sem a necessidade de receita médica, mesmo num país no qual a prescrição de remédios é muito regulamentada e controlada pela ANVISA, foram demonizados pela própria SBP quando, na verdade e segundo a ética médica, **“a SBP deveria temer a doença, nunca o remédio”**, sob orientação individualizada de cada médico, respeitando a autonomia médica.

Ao mesmo tempo, pervertendo a lógica, a ciência e a medicina, a SPB faz assumida propaganda de vacinas ainda em fase experimental, na qual ainda não se conhecem a segurança, eficácia e nem mesmo o número de doses adequadas para que sejam autorizadas a inoculação em massa em crianças saudáveis. E pior: foram autorizadas sem a orientação individualizada dos pediatras responsáveis e dos próprios pais. A clássica frase adotada, até mesmo dicionarizada: **“para o pediatra, remédios em excesso trazem mais males do que benefícios”** também foi pervertida pela atual diretoria da SBP.

1- A própria SBP escreve em sua nota que a vacina recém confeccionada “busca prevenir” a doença e “suas complicações” porque sabe que as evidências científicas e os fatos deixam claro que não apresentam tal eficácia. Foi apenas mais um ponto propagandístico.

2 – O acesso das crianças à vacina contra a COVID-19 não é um **direito**, porque tais vacinas são experimentais e as estatísticas das complicações da doença nas crianças, e das complicações da vacina nas crianças, apontam que **“o remédio pode ser pior que a doença”**; ter prudência de não tomar uma atitude emotiva e intempestiva ao orientar a aplicação de uma terapia genética experimental nunca antes aplicada em massa em seres humanos, ainda mais em crianças, que podem ter consequências devastadoras a médio e longo prazo faz parte de uma sabedoria médica aparentemente perdida por alguns.

3 – O número de mortes de crianças por COVID-19 é superestimado no Brasil e no mundo por causa de um erro crasso de diagnóstico que foi decretado pela organização política internacional denominada OMS, orientação que foi seguida bovinamente por médicos no mundo inteiro ao confundir propositalmente o teste RT-PCR positivo com COVID-19. O teste foi realizado em praticamente todas as crianças internadas com outras doenças graves que as levaram à morte, mas por estarem positivos, ou seja, pelas crianças estarem contaminadas pelo vírus, foram grotescamente interpretados como estarem com COVID-19 assintomáticos e assim entraram nas estatísticas. A falcatrua foi remediada pelo CDC americano no dia 21/07/21 quando decretou que o RT-PCR não seria mais considerado diagnóstico de CoViD-19 a partir de 1/1/22.(2).

4 – Os estudos realizados até o momento são parcos, com pouquíssima amostragem, de curto acompanhamento, realizados basicamente pelos próprios fabricantes e vendedores; por isso a necessidade

urgente de consultar – para aqueles que esqueceram ou nunca leram – o Código de Ética Médica acessível no site do CFM. Link abaixo.(3)

5 – As evidências científicas e os fatos deixam claros que “a “vacina” – entendida como injeção experimental – não previne, de modo satisfatório, a morte, a dor, sofrimento, emergências e internação em todas as faixas etárias. Autorizar, induzir e mesmo obrigar a introdução destas substâncias baseadas em engenharia genética sem evidências científicas sólidas de eficácia e segurança a curto, médio e longo prazos, além de estimular a adesão dos pais e dos responsáveis à aplicar em seus próprios filhos uma substância que não imuniza, não evita a infecção nem impede a transmissão, que visaria tão-somente “não agravar a doença”, é um ato lamentável e irresponsável, que infelizmente pode custar vidas.

6 – Ainda, a SBP desfere um golpe mortal na essência da ética médica, ao agir ativamente contribuindo para o não reconhecimento do caráter experimental das inoculações, ao enterrar as orientações dos tratados internacionais como a declaração de Helsinque e os normativos éticos e científicos sobre pesquisa e experimentos em seres humanos, rejeitar a devida informação de massa e a divulgação esclarecida das bulas das vacinas e os estudos científicos afins que contribuam para o necessário contraditório científico, rejeitar a necessária e consciente autorização dos pais, e pregar a não prescrição médica dos experimentos, desta forma contribuindo para o caos da desresponsabilização. Querem exemplos? Grã Bretanha não recomenda a vacinação em crianças sem comorbidades. E esta não recomendação não os torna “anti-vacina”.

7 – Devemos ter clareza quanto ao papel de associações médicas. Do ponto de vista científico, a opinião delas é igual à opinião de um médico. Foi-se o tempo em que tais associações construíam consensos científicos. Atualmente, vemos “sociedades” manifestarem apenas a opinião de seus próprios diretores, nem sempre de maneira isenta. Além do potencial de criarem problemas de orientações equivocadas, tem o agravante de influenciar na mesma linha muitos colegas menos atentos.

8 – Além disso, o modus operandi de algumas dessas sociedades tem sido o de eliminar quem pensa diferente, impondo de maneira tirânica a versão única e a ameaça sobre quem pensar e agir diferente.

9 – Por fim, há que se esclarecer os conflitos de interesses dos representantes desta sociedade, seja no nível nacional, seja nas representações estaduais. Pois muitos colegas têm relatado patrocínio da indústria farmacêutica e de vínculos comerciais com a venda de vacinas.

(1) <https://www.aulete.com.br/remédio>

(2) https://www.cdc.gov/csels/dls/locs/2021/07-21-2021-lab-alert-Changes_CDC_RT-PCR_SARS-CoV-2_Testing_1.html

(3) <https://portal.cfm.org.br/images/PDF/cem2019.pdf>



Caderno Direito nas Escolas

Formas de Governo e Sistemas de Governo

Por Leandro Costa

Dando continuidade ao estudo do Estado, relembramos que podem existir três formas de Estado, quais sejam

Estado **unitário**, normalmente são países com menor extensão territorial, tem um poder central e não se divide em entes. Os poderes são concentrados, podendo ter cidades com certa autonomia; a **confederação** é a união de mais de um Estado para formar um único, cada um deles é soberano, mas fazem um acordo e criam um poder central. Este tipo de Estado é comum para evitar hostilidades ou quando um dos Estados anexa forçadamente outros. Um exemplo de confederação é a extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, no caso houve anexações voluntárias e forçadas e a **federação** é um Estado que se divide em entes dotados de autonomia (não confundir com soberania) para facilitar a distribuição de funções. Normalmente é um país com vasta extensão territorial, precisando dividir suas funções em entes locais e regionais. **O Brasil é uma federação**, por isso temos entes federativos dotados de autonomia, como por exemplo os estados-membros.

Para que o Estado se organiza ele precisa adotar uma forma e um sistema de governo.

As formas de governo mais comuns são a **Monarquia** e a **República**.

FORMAS DE GOVERNO

MONARQUIA	REPÚBLICA
VITALICIEDADE – Consiste no governo por tempo ilimitado e soberano;	ELETIVIDADE – Existem eleições para os governantes, em que o povo possa livremente exercer seu direito de escolha;
HEREDITARIEDADE – Consiste na troca de mãos do poder, seguindo uma linha sucessória;	TEMPORARIEDADE – Exercido por período limitado e determinado;
IRRESPONSABILIDADE – Consiste em isentar o monarca do dever de prestar contas ao povo ou a qualquer órgão político de suas decisões.	RESPONSABILIDADE – Deve prestar contas de todos os seus atos políticos;



Caderno Direito nas Escolas

Os sistemas de governo mais comuns são o **Presidencialismo** e o **Parlamentarismo**.

SISTEMAS DE GOVERNO

❖ Existem basicamente dois sistemas de governo: o **presidencialismo** e o **parlamentarismo**.

Chefe de Estado	É o membro do Poder Executivo que exerce o papel de representante do Estado, principalmente no âmbito externo, mas também como representante moral perante o povo, no âmbito interno.
Chefe de Governo	É o membro do Poder Executivo responsável por chefiar o governo, ou seja, a direção das políticas públicas em âmbito interno.

No **PRESIDENCIALISMO**, temos a **unicidade da chefia**. O Presidente tem em suas mãos tanto a chefia de Estado quanto a chefia de governo.
 No **PARLAMENTARISMO**, temos uma **dualidade de chefia**. Existe uma pessoa como o chefe de Estado e outra como chefe de governo

Cabe informar que o Parlamentarismo é compatível com a República (Alemanha, França e Portugal) e com a Monarquia (Inglaterra, Espanha e Japão), enquanto o Presidencialismo, em razão do Chefe de Estado e de Governo serem a mesma pessoa, o Presidente da República (Brasil e EUA), não é compatível com a Monarquia.

O chamado “Semipresidencialismo” nada mais é que um eufemismo para Parlamentarismo no qual o Chefe de Estado (Presidente) tem alguns poderes a mais que no Parlamentarismo tradicional.

Charges

Por Patrício Eduardo Dias

Crítica social Populachos



Humor



Redes sociais



[@revistaconhecimentocidadania](https://www.facebook.com/revistaconhecimentocidadania)



[@revistaconhecimentocidadania](https://www.instagram.com/revistaconhecimentocidadania)



revistaconhecimentocidadania@gmail.com

Colaboradores



www.direitonasescolas.com



[@libe.rdadedeexpressao...](https://www.instagram.com/libe.rdadedeexpressao...)

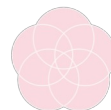


[@ConservadorRio](https://www.instagram.com/ConservadorRio)



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE JURISTAS CONSERVADORES

[@abrajuoficial](https://www.instagram.com/abrajuoficial)



MARÍA CECÍLIA
CARNAÚBA

www.ceciliacarnauba.com.br

Para ajudar a continuarmos com este trabalho, doe qualquer quantia:
PIX: 089.005.527-08

Compartilhe ao máximo com seus contatos!

